

Revista Mídia e Cotidiano  
ISSN: 2178-602X  
Artigo Seção Temática  
Volume 14, Número 2, maio-ago. de 2020  
Submetido em: 07/04/2020  
Aprovado em: 02/05/2020

## A crônica mundana e a circulação transnacional de modelos narrativos

### *The mundane chronicle and the transnational circulation of narrative models*

Orna MESSER LEVIN<sup>1</sup>  
Heloísa LEITE IMADA<sup>2</sup>

#### Resumo

Atentando para o vínculo estreito entre literatura e imprensa periódica durante as primeiras décadas do século XX, este artigo procura examinar a crônica mundana na perspectiva da circulação transnacional, sobretudo, no eixo França-Brasil. A análise se apoia em conceitos da história cultural, dando ênfase à história literária da imprensa. O objetivo é investigar por meio da crônica mundana a construção literária do imaginário coletivo e observar a transferência de modelos de escrita no momento de expansão da cultura midiática. O trabalho realiza um exercício de análise comparativa entre dois periódicos, tendo em vista que circularam no Rio de Janeiro na belle époque. As semelhanças e diferenças entre as crônicas das duas revistas indicam características do processo de adaptação e apropriação dos gêneros literários. Essa modalidade jornalístico-literária contribuiu para forjar referências compartilhadas de práticas modernas.

**Palavras-chave:** Crônica Mundana. História Literária. Cultura Midiática. Belle Époque. Modernidade.

#### Abstract

This article seeks to examine the characteristics of the mundane chronicle and its transnational circulation, especially in the Brazil-France axis. This analysis is based on concepts of cultural history, with a focus on the literary history of the press. The aim is to investigate through this textual genre the literary construction of the collective imaginary and to observe the transfer of writing models during a time of expansion of a media culture. The work carries out an exercise of comparative analysis between two periodicals that circulated in Rio de Janeiro at the Belle Époque. The similarities and the differences between chronicles in the two journals point to characteristics of the process of adaptation and appropriation of literary genres. This journalistic-literary modality contributed to forging shared references of modern practices.

**Keywords:** Mundane chronicle. Literary History. Media Culture. Modernity.

---

<sup>1</sup> Professora Livre-Docente do Departamento de Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. E-mail: orna@iel.unicamp.br. ORCID: 0000-0002-3322-3927.

<sup>2</sup> Mestranda no Departamento de Teoria Literária da Unicamp. E-mail: helo\_imada@hotmail.com.

### A crônica e a modernidade imaginada

A historiografia da imprensa no Brasil assinala a emergência de empresas mais competitivas e do jornalismo profissional a partir do último quartel do século XIX. A repercussão do periodismo cultural europeu, especialmente das revistas ilustradas, estimulou a valorização e o trabalho dos escritores e a proliferação dos impressos. Mas é na chamada *Belle Époque*, com a virada do XX, que o periodismo vem suprir a lacuna deixada pela ausência de um mercado editorial sólido, ao oferecer produtos que vinham atender às expectativas e os interesses do público leitor, conformando-se com os modelos em voga. A fase reconhecida pela euforia com o progresso anunciado pelo regime republicano se mantém até quase os anos 20, quando os efeitos da crise mundial provocada pelo pós-Guerra se fazem sentir. Associado quase sempre às reformas urbanísticas empreendidas por Rodrigues Alves e Pereira Passos no Rio de Janeiro, nos moldes da Paris de Haussmann, o espírito de mudanças se manifestou também em outras cidades, como São Paulo. Coube aos jornais e revistas disseminar e dar expressão à modernização em curso. As mensagens veiculadas pela imprensa enfatizam a valorização do novo e a inserção da sociedade no progresso civilizador, tendo como apoio os paradigmas do pensamento político e científico. A República vem colocar em prática políticas de modernização e de disciplina social com a intenção de difundir uma visão de nação nova, em pleno desenvolvimento. Nesse contexto, a imprensa ganha destaque por sua capacidade de criar uma expressão discursiva para a ideologia do progresso.

Segundo Mollier (2002), na *Belle Époque* europeia (1871-1914) a imprensa periódica já havia se estabelecido como veículo de comunicação de grande alcance. Os processos de alargamento do público leitor tinham consolidado o setor tipográfico, favorecido pelo aumento das tiragens e pela conquista de novos assinantes oriundos das camadas populares. A produção em larga escala trouxera lucratividade e poder ao periodismo. Publicações diárias e hebdomadárias assistiam a uma expansão que não se restringia ao continente, adquirindo dimensão transnacional. A produção europeia, sobretudo a francesa, abriu mercados no exterior e conquistou leitores em vários continentes, inclusive nas Américas onde os níveis de letramento eram bem menores, se comparados com os da Europa. Na França, além do fenômeno da alfabetização, o barateamento dos instrumentos de impressão havia dado um impulso técnico importante à

produção tipográfica e provocado alterações na organização, tamanho e conteúdo dos periódicos. O avanço nas técnicas de impressão, que permitiu um aumento no número de páginas e ilustrações viabilizou também a abordagem de novos eixos temáticos. E, em paralelo, houve um incremento nas vendas e na ampliação na rede de distribuição, que expandiu o alcance geográfico da produção. Em conjunto, o impulso técnico e comercial resultaria em uma demanda crescente por impressos franceses nas diversas partes do globo.

No Brasil, assim como em outros países, os periódicos de língua francesa possuíam um público cativo. As publicações europeias não só eram consumidas com avidez pelos assinantes, como ofereciam modelos de organização para as publicações nacionais. Jornais e revistas permutavam informações, imagens, anúncios e vinhetas (GUIMARÃES, 2012). Tanto a divisão das páginas em colunas, quanto a hierarquização dos assuntos e a criação de rubricas para categorização dos temas reproduziam as matrizes francesas apresentando formas e conteúdos semelhantes. Dentre as rubricas que aproximam os periódicos brasileiros dos estrangeiros está a crônica semanal. Trata-se da rubrica que melhor soube representar as práticas urbanas relacionadas ao ideal de modernidade. Originada no rodapé do parisiense *La Presse* em 1836<sup>3</sup>, adquire feições um pouco diferentes no início do século XX. Em 1914, Auguste de Chambure apontou a ligação entre o tema tipicamente metropolitano e o estilo paradoxal do cronista mundano. A temática centrada nas cenas da vida urbana e o estilo breve, como bem assinala Chambure, caracterizam o gênero jornalístico-literário. Na crônica constitui-se uma espécie de enciclopédia do tempo presente. O conteúdo, além da própria forma direcionam a compreensão do contexto. As opiniões e os assuntos em foco transparecem no trançado da composição. O texto redigido pelo cronista se constitui enquanto um discurso sobre o real e, simultaneamente, produz o efeito de real (BARTHES, 2004). A crônica, ao empreender um “inventário de todos os pormenores ‘supérfluos’”, apresenta um exemplo de enunciação escrita.

É preciso considerar que a escrita e a recepção da crônica pressupõem a leitura da imprensa como um todo. O gênero nasce da revisão semanal das notícias publicadas

---

<sup>3</sup> Para uma análise detalhada do surgimento da crônica na imprensa, consultar a bibliografia dos pesquisadores da imprensa Alain Vaillant (2015) e Marie-Ève Thérénty (2003).

nos jornais diários, cujo conhecimento o autor assume ao fazer referência. Sua composição revela uma trama complexa, composto do entrelaçamento de informações ficcionais e não ficcionais. No caso da crônica mundana, a temática social mantém um diálogo permanente com os fatos ocorridos nos espaços de lazer, públicos e privados, das classes abastadas fazendo eco às práticas burguesas. A pluralidade de assuntos que o gênero contempla sinaliza ainda para a representação de um imaginário de modernidade, cultivado em consonância com a variedade dos estímulos urbanos. Desse modo, a crônica apresenta-se “[...] acompanhada por um adjetivo que deve especificá-la e justificá-la: ‘crônica política, crônica parisiense, crônica teatral, crônica musical, crônica artística, crônica financeira’” (VAILLANT, 2015, p. 2). Tal segmentação de natureza temática amplia as posições discursivas, criando pequenas setorizações dentro do próprio jornal. A divisão prepara o leitor para um tipo de escrita, que pressupõe um pacto literário entre quem lê e o cronista investido da posição de narrador. Esse pacto alimenta um diálogo no qual as referências são sempre compartilhadas. Assim, a imprensa se revela um suporte que abriga múltiplas apreensões da vida social.

A proximidade entre literatura e imprensa, visível desde o surgimento dos primeiros jornais, se explica pela funcionalidade comunicacional e pelo exercício da linguagem escrita que ambas propiciam. Tanto uma quanto outra se enquadram no que o sociólogo Marc Angenot (2014) designou de discurso social: O discurso social: tudo que se diz e se escreve em uma condição de sociedade.

A imprensa, que se disseminou ao redor do mundo ocidental durante o século XIX, se consolidou enquanto discurso autônomo mirando-se na escrita literária. Segundo mostrou Thérenty (2007), foi a matriz literária que modelou a escrita dos jornais. O modelo permite, a seu ver, que se pense hoje em uma história literária da imprensa, já que, em contrapartida, a literatura encontrou na poética jornalística um novo domínio. A constatação da proximidade entre elas mostra como todas as atividades – políticas, sociais, culturais, literárias ou artísticas – foram profundamente modificadas pelo desenvolvimento de um novo modo de representação, baseado na redação e na divulgação periódica. O recurso à ficcionalização, à escrita íntima e à epistolografia exemplificam os procedimentos literários convocados na criação e no desenvolvimento de gêneros jornalísticos que emprestaram forma, por exemplo, à reportagem e à entrevista. Tal proximidade entre os discursos pode

ser apurada ainda no surgimento de gêneros literários que passaram a ser cultivados na imprensa, tais como o romance-folhetim e a crônica.

Escritores de literatura encontraram na imprensa uma fonte relativamente estável de renda. Para compor seu quadro de redatores, os jornais absorveram uma grande massa de literatos com dificuldades de sobrevivência após o fim do mecenato. Sem condições de se manter apenas com os rendimentos da produção literária, isto é, a venda de romances, peças ou poemas, vários passaram a trabalhar “ao correr da pena”, na famosa expressão de José de Alencar. A publicação seriada gerava uma demanda regular por textos breves, criando uma fonte de renda regular para esses escritores. Na França, Alexandre Dumas, Honoré de Balzac e Émile Zola são exemplos daqueles que contribuíram escrevendo para os jornais da época. No Brasil, a atuação de Machado de Assis, José de Alencar e Aluísio de Azevedo nos órgãos da imprensa diária ilustram situação semelhante.

Marie-Françoise Melmoux-Montaubin, em seu livro *L'écrivain-journaliste au XIXe siècle* (2003), designou com a expressão escritores-jornalistas os literatos que colaboraram em diferentes rubricas da imprensa e auxiliaram a transmitir conhecimento aos leitores. De acordo com o escopo do periódico para o qual escreviam e conforme o perfil do público leitor ao qual as publicações se destinavam, optavam por abordar uma variedade de temas colhidos nos assuntos da vida cotidiana ou se fixavam em um conteúdo especializado, como ocorria no caso da pequena imprensa teatral<sup>4</sup>.

Alguns polígrafos destacaram-se ao promover a representação literária das práticas sociais consideradas elegantes. Retrataram costumes novos e deram expressão a uma mentalidade claramente associada à noção de modernidade. Replicaram aura de refinamento envolvendo o convívio nos ambientes sofisticados da cidade – o bulevar, os salões e as salas de espetáculos. Essa construção literária da sociabilidade mundana vinha atender aos anseios de uma parcela da sociedade burguesa, visto que ajudava a cristalizar quadros de uma metrópole civilizada.

---

<sup>4</sup> Para análise aprofundada da imprensa voltada à espetáculos e suas ramificações, ver: Poncioni e Levin (2018).

### A crônica mundana: entre o literário e o jornalístico

A crônica mundana preencheu um dos eixos temáticos da produção jornalística da *Belle Époque* brasileira, ocupando-se em retratar aspectos da vida elegante. Para representar os costumes parisienses, que foram emulados pelos cariocas como símbolos de modernidade, funda-se uma “estética midiática, onde a arte da descrição, mesmo narrativizada, torna-se a pedra de toque da prosa do jornal” (VAILLANT, 2015, p. 8). A descrição pormenorizada de práticas consideradas modernas emprestava veracidade aos relatos, ao mesmo tempo em que acionava a sensibilidade do leitor. O cronista brasileiro preenchia de adjetivos pomposos e expressões afrancesadas as narrativas em que repassava ao leitor informações sobre o êxito de festas e bailes, as notícias sobre a chegada das novas companhias estrangeiras de teatro ou os comentários sobre a última moda parisiense.

Essa modalidade da crônica pode ser compreendida como uma decorrência do duplo processo midiático: a setorização e a especialização da própria crônica enquanto um gênero textual. Conforme demonstra Guillaume Pinson (2008) em seu trabalho sobre as crônicas de Proust, certos periódicos setorizavam a mundanidade, criando rubricas exclusivas para os registros. No Brasil, é ilustrativa desse processo de setorização a coluna *Pall-Mall Rio* (1915-1916), de Paulo Barreto, publicadas sob o pseudônimo José Antonio José n’*O Paiz*, um diário carioca de grande circulação que abrigou em suas páginas as crônicas sociais. Já outra parte da imprensa se especializou, adotando as práticas da vida mundana como assunto nuclear de seu discurso. As crônicas que formam o *corpus* aqui selecionado para análise são fruto de tal especialização observada nos dois periódicos em foco. Tinham em comum o fato de estabelecer o diálogo com a atualidade e, do ponto de vista sociológico, o potencial de instituir parâmetros para forjar identidades sociais.

No âmbito da assim chamada “civilização do jornal”<sup>5</sup>, a imprensa francesa e a brasileira, num processo de espelhamento, ocupam o papel de intermediadoras das relações humanas (PINSON, 2008) e promotoras das práticas urbanas consideradas civilizadas. Coube aos escritores-jornalistas que se dedicaram à composição de crônicas

---

<sup>5</sup> **LA CIVILISATION du journal**: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle. Direção de Dominique Kalifa. Paris: Nouveau Monde, 2011. 1762 p.

alimentar o desejo das leitoras de frequentar os centros das cidades e, com isso, fortalecer a sociabilidade nos espaços públicos. A crônica mundana do final do século XIX e do início do XX se converte em gênero chave na idealização de uma cartografia literária dos centros urbanos. Os cronistas narram encontros com as mulheres que tomam como ícones de modernidade em bulevares e avenidas, confeitarias e magazines, transformando-as em personagens. Criam enquadramentos modernos do espaço público, cooperando para dar legitimidade a um imaginário de modernização. Com ajuda dos cronistas, os periódicos exerciam, direta ou indiretamente, a função de apresentar a sociabilidade mundana aos leitores, como explica Pinson:

O texto mostra como as pessoas vivem coletivamente, ilustra o lugar social, coloca literalmente a sociabilidade à frente dos olhos. O texto procura ser como a sociedade, uma metáfora do social onde a presença substitui a ausência. Em última análise, cabe ao leitor imaginar a sociedade a partir dos ingredientes do texto, razão pela qual gostaríamos de falar, parafraseando Anderson, de uma “comunidade imaginada” de mundanidade: mundanidade tanto no jornal (mundanidade a ser lida) como mundanidade como um efeito do jornal (mundanidade a ser imaginada) (PINSON, 2008, p. 17)<sup>6</sup>.

O jornal produz o efeito de dar a conhecer a mundanidade. Os escritores delineiam uma comunidade por meio da crônica, que torna os leitores parte dessa mundanidade. Assim, o texto arquiteta uma ideia de pertencimento possível pelo compartilhamento das referências sobre o que é ser mundano. O cronista forja, literariamente, um vínculo de identidade elegante em torno das práticas mundanas.

O sistema midiático por suas características e dinamismo está sempre em movimento: inventa, adapta, copia, troca e faz circular modelos. A crônica é um dos modelos de escrita que transitam de uma sociedade a outra, que circulam nos diferentes suportes impressos, ultrapassando as fronteiras nacionais. Ela padroniza um modo de representação escrita, que integra o sistema midiático mundial. Essa passagem e apropriação de modelos de um contexto cultural a outro foi designada por Espagne, em diálogo com Werner, como um processo de transferência cultural: “Qualquer passagem de um objeto cultural de um contexto para outro resulta numa transformação do seu

---

<sup>6</sup> Todas as citações traduzidas no texto são de responsabilidade das autoras do artigo.

significado, numa dinâmica de resemantização” (ESPAGNE, 2012). Os escritores, agentes mediadores da troca horizontalizada, se apropriam dos modelos e transpõem os limites convencionados, adaptando a matriz original para o contexto de recepção.

Pensar a modelização da imprensa implica destacar os impressos francófonos. A divulgação em larga escala dos periódicos franceses está ligada à hegemonia cultural, política e econômica do país no período de expansão capitalista. Essa hegemonia foi responsável, em grande medida, pela imagem de Paris como paradigma da civilização moderna, fomentando o anseio pela emulação de suas referências:

[...] Paris surge como o primeiro grande mito moderno — e um mito tão poderoso que irá se impor durante mais de um século ao conjunto do mundo ocidental. Como todo mito, ele vale menos por si mesmo do que pelo que simboliza com um extraordinário brilho — a saber, a emergência dessa “civilização urbana” que, frente ao avanço das classes médias burguesas, transtorna progressivamente todos os modos de representação [...] (VAILLANT, 2015, p. 5).

Dada a centralidade da francofonia no sistema midiático, o modelo da crônica na sua origem se volta para o retrato da cidade luz, como aponta Vaillant: “Implicitamente ou, de modo mais frequente, explicitamente, a crônica é sempre a crônica ‘de Paris’, uma vitrine aberta para a cidade capital cuja vitalidade urbana fascina” (VAILLANT, 2015, p. 5). Paris é o assunto dos cronistas franceses e inspiração para os cronistas de outras línguas. Na perspectiva das transferências culturais, a interação entre as culturas se embasa em um câmbio não hierarquizado, segundo o qual a troca mediada por agentes, como os escritores-jornalistas, gera uma nova forma de escritura híbrida. Tal fascínio chega ao Rio de Janeiro pelos portos marítimos e norteia a apropriação do modelo parisiense e sua adaptação para a perspectiva tropical.

Somados aos periódicos em língua portuguesa, editados e impressos na própria capital do Brasil, circulava também pelo Rio de Janeiro uma rica produção editorial em língua estrangeira, destinada a elite que dominava o francês, língua considerada de cultura. O crescente fluxo de imigrantes contribuiu para a difusão desses impressos e as trocas



transnacional entre os modelos midiáticos<sup>7</sup>. Esse movimento valida a afirmação de que “[...] forma-se, do século XIX até meados do século seguinte, uma rede de leitores de periódicos em francês que se espalha por várias partes do mundo, incluindo o Brasil e demais países das Américas [...]” (GUIMARÃES, PINSON e COOPER-RICHET, 2019, p. 1).

A presença simultânea dos impressos de língua nacional e estrangeira valida a necessidade de considerar a leitura paralela como uma realidade palpável no horizonte de produção e de circulação da crônica mundana. Nesse sentido, é importante considerar que o leitor estava sujeito ao contato com ambos tipos de publicação, assim como o cronista, que tinha acesso aos periódicos franceses comercializados nos países em que a francofonia se disseminou. Esse dado de realidade que não pode ser desprezado, leva a que se proceda aqui um paralelo entre dois periódicos a partir do qual se busca identificar as trocas culturais e as mediações efetivamente realizadas. Tendo isso em vista, nos debruçamos sobre dois periódicos que eram lidos no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX: *Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900 - 1918) e *Femina* (Paris, 1901 - 1916).

A *Revista da Semana* foi fundada por Álvaro de Teffé, filho de barão de Teffé, e surgiu no contexto da modernização da cidade do Rio de Janeiro em 1900 e logo passou a ser um encarte do *Jornal do Brasil*. As edições eram acompanhadas por muitas fotos em cores, o que colaborou para a tiragem elevada e o sucesso do semanário. A revista *Femina*: “La revue idéale de la femme et de la jeune fille” foi criada por Pierre Lafitte, em Paris. É o primeiro formato de revista francesa dirigida a um público feminino, composto principalmente de leitoras burguesas, com uma forte ênfase nas atividades de lazer, especialmente no esporte. A eleição das duas revistas decorre de uma série de critérios de aproximação, que elencaremos<sup>8</sup> a seguir.

O primeiro destes corresponde ao período de publicação e à periodicidade. Quanto ao período de publicação, a longevidade de ambas se assemelha: mantiveram-se no mercado editorial durante as duas primeiras décadas do século XX. Lançavam-se novas edições da *Revista da Semana* todos os sábados, ao passo que a *Femina* saía a cada

---

<sup>7</sup> A imprensa francófona nas Américas nos séculos XIX e XX vem sendo objeto de estudo do Grupo de Pesquisa de colaboração internacional TRANSFOPRESS/CNPq, no qual se insere este artigo.

<sup>8</sup> A listagem dos critérios não tem um valor hierárquico, mas sim a ideia de um acúmulo de semelhanças entre as duas revistas que merece ser investigado com profundidade.

quinze dias. No que diz respeito à cultura material, ambos impressos utilizavam papéis sofisticados e possuíam páginas adornadas por vinhetas *Art Nouveau*, estética considerada a vanguarda tipográfica e símbolo de modernidade na época<sup>9</sup>. As ilustrações e as fotografias ocupavam parte expressiva de seu conteúdo, aumentando o número de potenciais compradores da revista, mesmo dentre aqueles que não dominavam a língua francesa. Em comum, vale também ressaltar que ambas publicavam correspondências e anúncios, que divulgavam a disponibilidade das modas nas famosas lojas nas capitais.

Há ainda uma consonância no conteúdo das revistas. A arte gráfica das capas anuncia imediatamente ao leitor uma semelhança do discurso visual. A maioria dos números se inicia com imagens de mulheres retratadas em diversas situações de sociabilidade consideradas modernas, tais como exercícios de esporte e banhos de mar. Da mesma maneira, as estratégias para ativar o engajamento do público leitor se assemelham, conforme mostram, por exemplo, a promoção comum de concursos, o oferecimento de prêmios e a construção de uma noção de modernidade associada à leitura das revistas.

Quanto ao discurso escrito, constatamos que essas revistas se diferenciam de grande parte da mensagem transmitidas pelos periódicos voltados ao público feminino<sup>10</sup> durante o século XIX. As publicações oitocentistas orientavam-se para a consolidação da esfera privada<sup>11</sup> como o espaço de atuação das mulheres, que deveriam se dedicar a prover o bem-estar do marido e dos filhos. Visando prepará-las para o cuidado com o lar e com a família, as revistas destinadas ao público feminino tinham como foco a educação doméstica.

---

<sup>9</sup> A adoção da estética *Art Nouveau* como recurso gráfico de sofisticação das revistas no início do século XX foi estudado na obra *Moda: Desfile Literário* (IMADA, 2019), com base em um estudo de caso da revista brasileira *Kosmos* (1904 - 1909). Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/arquivos/publicacao/Moda\\_Desfile\\_Literario.pdf](https://www.iel.unicamp.br/arquivos/publicacao/Moda_Desfile_Literario.pdf)

<sup>10</sup> A produção de publicações voltadas ao público feminino no século XIX foi alvo de análises da pesquisadora Constância Lima Duarte (2016). Além disso, destacamos os estudos de Ana Cláudia Suriani da Silva (2015) e Ana Laura Donegá (2013) que localizaram e examinaram a contribuição de literatos brasileiros em revistas femininas, como Machado de Assis. No caso das revistas *Femina* e *Revista da Semana* ainda não há dados suficientes para comprovar a orientação explícita ao público feminino. No entanto, há indícios que apontam para esse propósito, como a arte gráfica de ambas revistas, a publicidade de produtos femininos e a referência constantes à leitora.

<sup>11</sup> Neste trabalho, as noções de esfera pública e esfera privada fundamentam-se na teoria de Jürgen Habermas.

Já as revistas publicadas na virada do século XX acompanhavam o recente movimento das mulheres na esfera pública. O aumento gradual da participação feminina no mercado de trabalho, o fenômeno dos *grand magasins* e a própria atividade cultural e comercial, cada vez mais efervescente nos centros urbanos, incentivam esse fluxo das mulheres em locais externos ao lar. No Rio da *belle époque*, os cafés, as confeitarias, os teatros, os salões de Botafogo, o bulevar e as lojas da Rua do Ouvidor serão o palco principal das novas formas de sociabilidade, palco que atrairá o olhar atento da imprensa, entrelaçando escritores e leitoras.

Nesse contexto, revistas como *Revista da Semana* e *Femina* se estabelecem como referências em uma ação de duplo sentido. Na mesma medida em que retratam a presença feminina na esfera pública, os cronistas dão visibilidade aos costumes e às práticas sociais. A partir da narrativa literária, criam um discurso que visa a um ideal de modernidade e elegância. Institui-se um imaginário de civilidade entre as leitoras, que alimentam a mimeses desse comportamento imaginado. Nas palavras de Vaillant, “no momento em que se desenvolvem as indústrias do divertimento, as modas de vestuário, os produtos de luxo e os bens de consumo de todo tipo, a crônica tem as feições de um interminável artigo publicitário — multiplicado, recopiado, rescrito de jornal em jornal” (VAILLANT, 2015, p. 6). O consumo, no caso, ultrapassa a dimensão financeira para incorporar uma dimensão simbólica. As leitoras da crônica, diante dos símbolos de elegância, absorvem a representação mundana, compondo o repositório ideal de práticas essenciais à integração nesse cosmos de civilidade.

### **A modelização da vida elegante no eixo Rio-Paris**

A fim de ilustrar de que modo a crônica mundana brasileira participa do processo de transferência dos modelos culturais franceses, cotejaremos dois exemplos extraídos das revistas já mencionadas. De um lado, tomaremos a crônica escrita por Hèlene Avryl<sup>12</sup>, “Le prix de la vie” para a edição da *Femina* publicada em 15 de fevereiro de

---

<sup>12</sup> Pseudônimo usado por Marguerite de Bergevin, de acordo com: <https://gw.geneanet.org/rivallainf?lang=en&n=de+bergevin+helene+avril&oc=0&p=marguerite>

1911. De outro, a crônica “Economia Feminina” estampada no hebdomadário *Revista da Semana* em 30 de setembro de 1916, assinada pelo pseudônimo José Antônio José.

A crônica “Le prix de la vie” ocupa a parte central de duas páginas da revista *Femina*. O texto remete a uma crônica de variedades que passava em revista dos principais assuntos da semana. A cronista fixa-se no tópico financeiro, tema corrente no jornal, que funciona como gancho para abertura da narrativa. A partir das finanças, a crônica passa a contemplar um elenco de atividades típicas da vida cotidiana de uma parisiense e seus respectivos custos.

Gravuras e fotografias contornam o texto, ilustrando a comparação entre o cotidiano da parisiense em 1880 e 1911. As imagens aludem a mulheres em situações comuns de sociabilidade mundana, com destaque às atividades culturais, como a frequência ao teatro, e o passeio pelo bulevar, sem nomeá-las. Desse modo, representam uma alegoria da parisiense elegante.

Essa crônica mundana parte da ficcionalização de um *fait-divers* noticiado nos jornais diários, denunciando o aumento dos preços. O diálogo entre os impressos, com a remissão de assuntos, pressupõe a leitura complementar de diários e hebdomadários por parte do público, capaz de alcançar um entendimento panorâmico da vida social. A leitura fragmentada e, ao mesmo tempo, integrada dos periódicos configura o que se designou por “civilização do jornal”. O novo modo de ler ditado pela civilização do jornal, pressupõe a interdependência das rubricas, que expõe a natureza midiática da leitura. O público se insere, a partir da leitura, em um regime de comunicação transnacional.

Na revista *Femina*, a narrativa parte da constatação da notícia nos outros veículos da imprensa: “O custo de vida está a subir! Esse é o grito geral. E as nossas últimas Cartas ao Editor já ecoaram as preocupações de todos nós sobre este aumento geral e uma realidade indiscutível” (FEMINA, 1911, p. 74). A menção à seção de Cartas ao Editor faz referência aos interesses dos leitores pelo tema. O espaço aberto no texto para a comunicação e a partilha de uma preocupação com o quadro econômico cria um pacto intimista entre cronista e leitora, marcado pela reciprocidade e confiabilidade.

Além da questão das finanças, notamos, na narrativa, a ficcionalização do meio urbano. Seja de forma textual ou visual, os espaços de sociabilidade típicos da *Belle Époque* parisiense e carioca encontram-se retratados. As *promenades* pelos bulevares, as visitas às

boutiques e modistas, as *soirées* nos bailes e teatros, como o Alcazar, mencionado em “Le prix de la vie”, constroem um universo narrativo no qual o luxo segue parâmetros estabelecidos. A expectativa de comparação entre os pares fortalece a adoção de determinadas práticas sociais, dentre as quais a leitura das revistas nacionais e estrangeiras.

Para pertencer às rodas ilustres, impunha-se o domínio do código de conduta oblíquo que as regia, além da posse de bens e a demonstração do padrão de aparência, como observamos nos trechos:

A elegante mulher que tomava um locatis para a tarde por quatro francos por hora era acusada de prodigalidade; o carro alugado por mês era um sinal de considerável fortuna, e o que se chamava o carro-mestre era o luxo de um milionário (FEMINA, 1911, p. 74).

Um vestido para um passeio vale 600; um vestido de visita vale entre 800 e 1000 francos para ser simples; normalmente pagamos 200 francos pelos nossos chapéus; para grandes cerimônias, ou saídas noturnas, quando são decorados com penas, garças, “paraíso”, chapéus que custam 1.500 francos não são raros (FEMINA, 1911, p. 74).

O dispêndio de pequenas fortunas para a aquisição de trajes apropriados ao convívio elegante e para o pagamento de tarifas elevadas pela locação de veículos alimenta o imaginário da sociabilidade moderna. A representação literária é um componente fundamental no fomento do consumo de bens e serviços, propício em um momento de estabilidade econômica como foi a *belle époque*. Isso nos mostra como a construção literária das práticas sociais relacionadas à posse de bens e aparências cria uma ponte entre a esfera abstrata de produção de sentidos e o concreto das transações monetárias.

No trecho “À noite, a loucura suprema foi levar por seis francos duas poltronas no Alcázar no Faubourg Poissonnière, onde Theresa cantava”, a cronista retrata lugares conhecidos de Paris. A caracterização da região onde se situam os teatros e a alusão à sociabilidade nos espaços públicos acentua a afinidade entre cronista e suposta leitora, uma vez que faz coincidirem os ambientes reais com o universo ficcional. Além dos espaços de sociabilidade, a cronista menciona práticas e símbolos associados à distinção, como o chá da tarde, os trajes sofisticados e os demais gastos da “vida elegante parisiense”.

Em termos de construção literária, identificamos o uso de três operações narrativas na crônica “Le prix de la vie”: a enumeração, a descrição e a comparação. A

cronista descreve práticas que compõem a tal “vida elegante parisiense”, como a necessidade da indumentária adequada para uma caminhada vespertina e para um espetáculo noturno na Ópera.

Então o luxo, o grande luxo da mulher elegante em casa em fevereiro de 1880, era adornar-se com uma lã de musselina de lã decorada com uma multidão de pequenos laços de fita com colarinho de lingerie e renda: os modelos mais ricos custavam entre 60 e 80 francos. Para passeios, compras e caminhadas, o vestido do bom estilista valia de 150 a 300 francos (FEMINA, 1911, p. 74).

A partir da enumeração dos objetos indispensáveis – a lã de musselina, os laços de fita, as rendas, os vestidos de estilistas renomados – para compor a imagem da mulher elegante, o cronista descreve o “grand luxe” que ele anuncia. Tal enumeração nos remota ao barômetro de Flaubert, a categoria do “real” que, segundo Barthes, oferece à leitora uma “ilusão referencial” de refinamento. Dessa forma, elabora-se uma espécie de inventário dos requisitos que alimentam a utopia da modernidade.

A constatação do aumento dos preços é demonstrada a partir de uma comparação entre os preços cobrados pelos itens tidos como elementares em 1880 e 1911:

Esse foi o auge do luxo há trinta anos e hoje. Em 1880, 20.000 francos de renda eram suficientes para sustentar a vida parisiense; em 1911, segundo a famosa piada, 100.000 francos gastos sabiamente significavam que apenas 200.000 francos de dívida permaneciam (FEMINA, 1911, p. 75).

O recurso da comparação acentua a resistência da preocupação com a imagem de elegância nos dois períodos. A manutenção das práticas associadas a esse estilo de vida, no contexto do aumento dos preços, pode ser entendida em duas perspectivas. A leitura denotativa indica uma crítica à política econômica e demanda a redução dos preços com o intuito de viabilizar a vida elegante. Por um viés permeado pela ironia, a comparação pode ser interpretada no sentido de que a vida elegante se tornou mais exclusiva com o passar do tempo. Logo, com o aumento dos preços, menos pessoas puderam ter acesso a objetos e lugares, tornando suas práticas mais distintivas na luta por status.

A cronista de *Femina* se apropria da notícia financeira a partir do emprego de recursos literários. A partir da manifestação da indignação diante da questão, elabora um retrato dos espaços públicos parisienses. A convivência nesses espaços e a assimilação dos símbolos de modernidade se convertem em distinção social. A crônica “Le prix de la vie” configura a matriz francesa para a crônica brasileira “Economia Feminina”.

Em “Economia Feminina”, a coincidência temática é evidente. No entanto, o tratamento dado pelo cronista ao tema diverge da matriz, em um claro sinal de acomodação do modelo. O percurso do escritor-jornalista parte da visita à uma amiga, D. Renata Gomes, que personifica a mulher moderna do Rio de Janeiro. A partir da ação da personagem, relatada em seu diário, ele narra a vida elegante, descrevendo um dia de compras de D. Renata. Ao final, ela declara suas aquisições ao marido durante o jantar e celebra a economia feita, fundamental em tempos de alta dos preços.

As ilustrações que acompanham o texto são menores e menos sofisticadas. Ao todo, seis pequenos desenhos exemplificam a agenda o dia de D. Renata: as idas à modista, o chá da tarde com as amigas, a escolha dos chapéus e o jantar com o marido.

Notamos que a publicação das crônicas não é sincrônica: a primeira é de 1911 e a segunda de 1916. Pressupomos uma leitura posterior e a apropriação do modelo diante de uma conjuntura semelhante no Rio de Janeiro. O cronista, então, opera como mediador da troca cultural entre a mulher elegante parisiense e a fluminense.

A abordagem do aumento dos preços na crônica “Economia Feminina” se diferencia de “Le prix de la vie”. O cronista propõe a encenação da sociabilidade, por meio de uma escrita que cria uma cena dramática. A declaração enfática “Faz-se necessário viver barato e tudo aumenta” (REVISTA DA SEMANA, 1916, p. 16) sintetiza o assunto e, em seguida, o autor exalta a importância da economia feminina diante do aumento do custo de vida. Como consequência dessa constatação, ele constrói um cenário e atribui personagens para a vida elegante - o *hall* da casa de D. Renata Gomes - onde ele encontra o diário da mulher e o lê, como um exemplo de administração financeira. A personagem logo ecoa o discurso do cronista, ao relatar: “Como as coisas estão caras! Nunca estiveram por tal preço!” (REVISTA DA SEMANA, 1916, p.16). A ideia de confidencialidade atrelada ao diário produz um clima de segredo, que se relaciona ao propósito de revelação da visita literária, como define Pinson: “a visita é um momento

privilegiado onde o privado se revela em suas ocupações cotidianas” (PINSON, 2008). O jornalista assume a responsabilidade de confirmar *in loco* o “espírito mundano”. Promete realizar a exploração do ambiente privado e guiar seu leitor na visita ao espaço físico e social que o rodeia:

Paradoxalmente, este tom de familiaridade não só ancora o texto na realidade, como também produz tensão através do movimento contrário: aumenta a distância entre o leitor “comum” e o seu mundo cotidiano, por um lado, e, por outro lado, aquelas pessoas extraordinárias, “olímpicas”, que “com toda a simplicidade” fazem o que é inacessível ao homem comum (PINSON, 2008).

Assim, a representação das práticas mundanas descobertas no âmbito da vida privada conecta os leitores a esse cotidiano, ainda que se revele inatingível. A caracterização das lojas e das atividades, assim como no modelo francês, arquiteta a fantasia da cidade modernizada. Além disso, o cronista evoca os mesmos símbolos presentes na crônica da *Femina*. Ele acrescenta elementos que ficcionalizam a abordagem do assunto, tornando-o “uma cena pintada que a linguagem assume” (BARTHES, 2004, p. 186).

A enumeração, vista em “Le prix de la vie” como um levantamento do custo de vida, aparece, em “Economia Feminina”, associada a uma ação personificada por D. Renata Gomes: a lista de compras feitas por ela no dia 21 de setembro:

21 de setembro - Dia de economias, este meu! [...] Na casa Fanny - Maria Lino entrou apenas para ver as toilettes, e não posso deixar de comprar uma saia, pelo menos um jupon para não fazer frio. Eu tenho muitos jupons. Mas roupas de baixo, quanto mais melhor. Compro o jupon por 150\$000. [...] Assim, compro três sobrinhas, uma dúzia de pares de luvas, vinte peças de fitas, duas dúzias de véus desses que fazer o abat-jour caído no chapéu. Tudo no fim 399\$000 (REVISTA DA SEMANA, 1916, p.16).

O cronista relaciona os símbolos da elegância à personagem, que encarna a vida elegante. Notamos, em vista disso, vestígios de figuração metonímica na imagem da mulher moderna que vai às compras. O consumo D. Renata Gomes reflete as aquisições elegante carioca, por meio da qual a leitora encontra meios de identificação imaginada.



Outro exemplo da literalização dos costumes consiste no retrato do chá da tarde. O chá da tarde representa a importância do relacionamento social para a produção do status, onde as mulheres podiam desfilarem a indumentária sofisticada e discorrer sobre os eventos culturais dos quais participavam. Na *Femina* menciona-se o costume como uma ação isolada, sem agentes. Por outro lado, na *Revista da Semana*, atribui-se custos a essa prática, além de personagens e significado, como observamos em:

A caminhada termina com um passeio ao longo da avenida, onde se podia provar uma “Charlotte” de 40 centimos e um copo de Málaga de 60 centimos na confeitaria da moda...<sup>13</sup> (FEMINA, 1911, p. 74).

Logo depois encontro Margot de Guimarães e Etelvina de Sousa da Gama (afinal elas abusam da partícula!) e como morria de fome, convidei-as para um modesto gouter. Horrível. O chá com bolos custou 12\$000 [...] Mas depois do chá passamos por uma casa de chapéus e eu pensei num vestido baratíssimo visto chez Fanny-Lino (REVISTA DA SEMANA, 1916, p.16).

Nas duas crônicas, o trânsito das mulheres pelos espaços de sociabilidade urbanos compõe uma atmosfera de sofisticação em que o figurino é um traço central.

No caso da crônica brasileira, encontramos um tom de ironia que particulariza a cena retratada. O cronista questiona a preocupação das classes elevadas em relação à alta dos preços. Apesar da reclamação geral e do protesto da própria personagem, D. Renata Gomes vê os gastos exagerados como um exemplo de economia doméstica:

– Não imaginas quantas coisas comprei hoje.  
– Precisavas de alguma coisa?  
– Coisas estritamente necessárias. Um jupon, três sombrinhas, uma dúzia de pares de luvas, vinte peças de fita, duas dúzias de véus, um chapéu, um vestidinho. Quanto pensas que gastei?  
– Sei lá! Mais de um conto com certeza.  
Fiz as contas e descobri que gastara apenas 913\$000! Se meu marido fosse comigo teria gasto mais de um conto. Com as coisas caras como estão, se não fosse o instinto de economia das mulheres não haveria dinheiro que chegasse [...] (REVISTA DA SEMANA, 1916, p. 16).

<sup>13</sup> “La promenade s’achevait par un tour au boulevard, où l’on goûtait, chez le pâtissier à la mode, d’une « Charlotte » de 40 centimes et d’un verre de Malaga de 60 centimes...” Tradução nossa.

O cronista, de forma oblíqua, não deixa de expressa uma sutil denúncia da alienação da elite urbana. A caracterização do consumo de supérfluos como necessidades primárias ironiza a noção de contenção de gastos da personagem. O consumo relatado no diário contradiz o protesto inicial da própria imprensa contra a elevação dos preços.

### **Considerações finais**

Nas primeiras décadas do século XX, a circulação de periódicos entre a França e o Brasil mostrou-se um campo de férteis trocas culturais. Graças ao avanço das técnicas gráficas que consolidaram a qualidade das revistas e em virtude da atividade intensa dos escritores-jornalistas, os periódicos se destacaram como objetos importantes dessa dinâmica. Sobretudo as revistas se afirmam como espaço de difusão de novos ideais e proliferação de símbolos de progresso.

Do ponto de vista do leitor, a experiência do contato com os periódicos, proporciona uma visão caleidoscópica da vida urbana. Dentre as rubricas principais, a da crônica mundana ganha relevo pela variedade de temas que acolhe e a liberdade que confere aos redatores. A possibilidade de conceder um tratamento ficcional aos assuntos cotidianos particulariza o gênero e permite uma pluralidade de enunciações sobre a experiência vivida. A liberdade estrutural e criativa ofereceu projeção junto aos leitores e proporcionou maior prestígio aos cronistas. Em contrapartida, a autoridade da voz dos escritores-jornalistas colaborou para que a crônica se tornasse agente do processo de cristalização do imaginário de modernidade.

O exercício comparativo entre as crônicas “Le prix de la vie” e “Economia Feminina” exemplifica o procedimento de retomada dos fatos do noticiário cotidiano na abertura dos textos produzidos pelos cronistas. A remissão às notícias permite observar um encadeamento entre as rubricas da imprensa. O cronista escreve tendo como pressuposto que o seu leitor já detém as informações publicadas na imprensa diária. Conhece os assuntos correntes. A glosa do noticiário demonstra, portanto, a leitura concomitante dos diversos objetos midiáticos. Não por outro motivo, a comunidade transnacional de leitores se forma em decorrência do acesso às várias publicações consumidas pelo público nas quais são veiculadas informações textuais e visuais passíveis de reconhecimento mútuo. Para além dos dados informativos, as crônicas também

veiculam práticas culturais paradigmáticas que contribuem para forjar uma comunidade imaginada. A apreensão das referências de elegância enunciadas pelos cronistas ajuda a elaborar um horizonte de símbolos da noção de moderno.

A análise comparada das crônicas evidencia traços de apropriação de temas e procedimentos literários. O cronista brasileiro ironiza o ideal da vida elegante para questionar a representação da modernidade nos trópicos. A escrita literária dá um enquadramento dramático à cena, narra a visita e personifica a vida elegante na pessoa de D. Renata Gomes, atribuindo caráter ficcional à questão do aumento dos preços. A cronista francesa, com foco na descrição dos gastos, se prende mais ao aspecto não ficcional característico da escrita jornalística.

A presente exposição procura inserir o Brasil nos estudos que se debruçam sobre as transferências culturais ocorridas no início do século XX. A fase marcada pelo aperfeiçoamento dos recursos técnicos e pela organização empresarial da imprensa periódica coincide com a chamada *belle époque*. A análise do *corpus* ressalta a riqueza da crônica mundana, gênero literário gestado no interior periodismo, que durante muito tempo foi considerado menor pela crítica literária. Com esse novo olhar abre-se uma via para o mapeamento e aprofundamento das leituras sobre a circulação de objetos de cultura a partir dos quais se poderá observar a construção de imaginários transnacionais na tensão entre literatura e jornalismo.

## Referências

- ANGENOT, Marc. **1889. Un état du discours social**. [En ligne] Québec: Médias19, 2014. Disponível em: <http://www.medias19.org/index.php?id=13856>.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. 462 p.
- DONEGÁ, Ana Laura. **Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert**. 2013. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX**. São Paulo: Autêntica, 2016. 416 p.
- ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. **Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII-XIX siècles)**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1988. 476 p.
- ESPAGNE, Michel. **Transferts culturelles et histoire du livre**. Histoire et civilisations du livre. Revue internationale. Genebra: Librairie Droz, 2009, p. 202-218.

ESPAGNE, Michel. **La notion de transfert culturel**. Revue Sciences/lettres, [s.l.], n. 1. 19 abr. 2012. OpenEdition. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/rsl.219>.

**FEMINA**. Paris: Pierre Lafitte, 1911.

GUIMARÃES, Valéria. **As Transferências Culturais** - o exemplo da imprensa na França e no Brasil. São Paulo/Campinas: Edusp/Mercado de Letras, 2012.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos; PINSON, Guillaume; COOPER-RICHET, Diana. A imprensa francófona nas Américas nos séculos XIX e XX. **Dossiê: A Imprensa Francófona nas Américas nos Séculos XIX e XX**, São Paulo, v. 38, p. 1-12, 2019. Disponível em: <http://historiasp.franca.unesp.br/wp-content/uploads/2019/09/1980-4369-his-38-e2019035.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2020.

IMADA, Heloísa. **Moda: Desfile Literário**. IEL/UNICAMP, 2019.

**LA CIVILISATION du journal**: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle. Direção de Dominique Kalifa. Paris: Nouveau Monde, 2011. 1762 p.

MELMOUX-MONTAUBIN, Marie-Françoise, **L'écrivain-journaliste au XIXe siècle**, un mutant des lettres, Saint-Étienne, Éditions des Cahiers intempestifs, coll. « Lieux littéraires », 2003.

MOLLIER, Jean-Yves. “Le parfum de la Belle Époque”, Jean-Pierre Rioux et Jean-François Sirinelli (dir.), **La culture de masse en France de la Belle Époque à aujourd'hui**, Paris, Fayard, 2002, p. 72-115.

PINSON, Guillaume. **Fiction du monde**: De la presse mondaine à Marcel Proust. Nouvelle édition [en ligne]. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2008.

PONCIONI, Cláudia; LEVIN, Orna Messer (org.). **Deslocamentos e mediações**: a circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. 341 p.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **Machado de Assis do folhetim ao livro**. São Paulo: NVerso, 2015.

THÉRENTY, Marie-Ève. **La littérature au quotidien**: poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Editions du Seuil, 2007. 400 p.

THÉRENTY, Marie-Ève. Pour une histoire littéraire de la presse au XIXe siècle. **Revue d'histoire littéraire de la France**, vol. vol. 103, no. 3, 2003, pp. 625-635.

VAILLANT, Alain. A crônica no século XIX: as metamorfoses midiáticas de um gênero literário. **Revista da Anpoll**, [s.l.], v. 1, n. 38, p.186-194, 28 nov. 2015. ANPOLL.

**O PAIZ**. Rio de Janeiro, 1915 e 1916.

**REVISTA DA SEMANA**. Rio de Janeiro, 1916.